

# O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA INGLESA NA MODALIDADE REMOTA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA REFLEXIVO

Vanessa Karoline de Aguiar Barbosa <sup>1</sup>  
Karyne Soares Duarte Silveira <sup>2</sup>

## RESUMO

No presente artigo, busco socializar as experiências vividas em Estágio Supervisionado de Língua Inglesa na modalidade remota como forma de possibilitar o diálogo entre a prática e a teoria estudada. Início o relato com uma contextualização sobre a adoção repentina do Ensino Remoto nas escolas públicas brasileiras em decorrência da pandemia da COVID-19. Posteriormente, desenvolvo uma reflexão sobre a importância do componente curricular de Estágio Supervisionado na formação inicial de professores de língua inglesa. Em seguida, descrevo o contexto no qual realizei o Estágio de Regência do Ensino Fundamental e problematizo a experiência vivenciada à luz das contribuições de Bueno (2009) acerca das concepções de Estágio Supervisionado, Perrenoud (2002) na perspectiva de assumir uma postura de professor reflexivo, Piletti (2004) no que diz respeito à importância do planejamento e, por fim, Freire (2007) na tocante do processo de aprendizagem. Ao final, apresento os resultados da experiência e demonstro como os objetivos foram alcançados.

**Palavras-chave:** Estágio Supervisionado, Ensino Remoto, Relato de Experiência.

## INTRODUÇÃO

Em decorrência da crise sanitária e da pandemia em escala global da COVID-19, a educação precisou se adaptar ao ensino remoto, utilizando o formato de aulas síncronas e assíncronas com o auxílio de recursos digitais para que as aulas pudessem ser ministradas. Devido a essa mudança repentina no contexto educacional, os órgãos públicos, as escolas e os professores foram privados de um preparo e planejamento para lidar com os novos desafios que seriam enfrentados. Por conta da necessidade do isolamento social para prevenir o contágio do coronavírus, tornou-se comum o *home-office*, o qual se constitui pela realização em casa de atividades que,

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [vanessakarolineaguiar@gmail.com](mailto:vanessakarolineaguiar@gmail.com);

<sup>2</sup> Orientadora, Doutora, Curso de Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [karynesoares@servidor.uepb.edu.br](mailto:karynesoares@servidor.uepb.edu.br);

normalmente, seriam desenvolvidas em escolas, escritórios e afins. Neste contexto, o ensino remoto foi visto como uma “substituição” das aulas presenciais.

Após alguns meses inserida no contexto de pandemia, tive a oportunidade de ministrar aulas no que está sendo chamado de ensino híbrido (com aulas presenciais e remotas sincronicamente) na rede particular de ensino. Com esta experiência, pude ter uma compreensão mais aprofundada sobre os desafios da educação em tempos de pandemia. Neste momento, em minha formação acadêmica, decidi cursar o componente curricular de Estágio Supervisionado, pois eu tinha em mente que as discussões realizadas em sala de aula e a troca de experiências com outros professores - sejam eles em formação ou formados, durante a vivência em Estágio iriam contribuir e agregar diretamente para a minha identidade docente e na minha prática pedagógica.

A disciplina de Estágio Supervisionado é um dos componentes mais importantes na formação acadêmica de um licenciando. Normalmente, é a partir deste momento que os estudantes de graduação têm o primeiro contato imersivo no âmbito educacional e possuem a oportunidade de se aproximar e acompanhar uma sala de aula real. Neste momento, é possível observar os desafios e contratempos que permeiam a prática docente.

Por se tratar de uma situação extraordinária, busco socializar as experiências vividas em Estágio Supervisionado de Língua Inglesa na modalidade remota como forma de possibilitar o diálogo entre a prática e a teoria estudada. Ao longo deste relato, descrevo e reflito sobre a regência no Ensino Fundamental, os objetivos pretendidos, as dificuldades enfrentadas e, por fim, exponho os resultados (se os objetivos foram atingidos ou não) e os aspectos que mais me marcaram durante essa trajetória.

## **METODOLOGIA**

Este estudo consiste em um relato de experiência de abordagem qualitativa, cujo corpus é composto de trechos do portfólio de Estágio Supervisionado II<sup>3</sup>. Partindo dessa perspectiva, é importante ressaltar que a experiência em Estágio Supervisionado (tratando-se especificamente do curso de Letras-Ingês da Universidade Estadual da Paraíba) é dividida em três momentos: I. O Estágio de Observação no Ensino Fundamental (doravante EF) e no Ensino Médio (doravante EM); II. O Estágio de

---

<sup>3</sup> O portfólio foi o dispositivo de formação solicitado no componente de Estágio Supervisionado II.

Regência no EF; e III. O Estágio de Regência no EM. Neste artigo, o meu foco será no relato de experiência do Estágio Supervisionado de Regência no EF que foi realizado na modalidade remota em decorrência da pandemia do coronavírus.

Quanto ao contexto da escola e da turma, atuei em duas turmas de 9º ano em uma Escola Cidadã Integral e Técnica do município de Campina Grande-PB. Nestas turmas, estão matriculados um total de 56 alunos, dos quais apenas 18 frequentam as aulas síncronas realizadas através da plataforma do *Google Meet*. Durante esta experiência, fui acompanhada e supervisionada pela professora formadora de Estágio, o professor regente e minha dupla. A seguir, trago as teorias que embasam as reflexões que tive durante a vivência empírica no contexto de sala de aula, relatando como se deu a prática docente na modalidade remota.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Início a discussão com o livro “Pedagogia da Autonomia” de Paulo Freire, considerado como o patrono da educação brasileira. O autor desenvolveu uma filosofia de educação libertadora na qual os indivíduos são vistos como seres histórico-sociais que possuem a capacidade “de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos” (FREIRE, 2007, p.18). Assim, Freire argumenta que a liberdade de escolha é essencial, pois somos seres inacabados e que a condição humana é um processo de constante aprendizado.

Com esta reflexão a partir dos ensinamentos de Freire e minha experiência na trajetória da educação, pude me identificar bastante com o filme “Além da sala de aula” (2011) dirigido por Jeff Bleckner. A narrativa conta a história de uma professora recém formada que começa a atuar em uma sala de aula improvisada para crianças em situação de rua. No decorrer do filme, acompanhamos Stacey Bess lidando com situações inusitadas e desenvolvendo a relação aluno-professor. Em um determinado momento, a personagem fala: “Seis anos de faculdade não me preparam para isso” e acredito que isto está ligado diretamente com a citação de Freire (2007), na qual afirma que somos seres inacabados e em um processo constante de aprendizagem.

Em seguida, apresento-lhe a importância do planejamento segundo Piletti (2004) no qual o autor disserta acerca da importância do planejamento, o qual não está apenas relacionado com o cotidiano escolar, mas inclui também outras esferas da atividade

humana. No decorrer do texto, Piletti (2004) desenvolve alguns conceitos fundamentais tais como Planejamento de Educacional, Planejamento de Currículo e Planejamento de Ensino, nos quais ele detalha, de uma forma minuciosa, as etapas, componentes e tipos de Planejamento de Ensino, finalizando a discussão com a importância do Planejamento.

Quando penso em docência, reflito sobre a necessidade da adoção da postura reflexiva, como proposta por Perrenoud (2002). O autor ressalta que:

Um profissional reflexivo não se limita ao que aprendeu no período de formação inicial, nem ao que descobriu em seus primeiros anos de prática. Ele reexamina constantemente seus objetivos, seus procedimentos, suas evidências e seus saberes. Ele ingressa em um ciclo permanente de aperfeiçoamento, já que teoriza sua própria prática, seja consigo mesmo, seja com uma equipe pedagógica. O professor faz perguntas, tenta compreender seus fracassos, projetar no futuro; decide proceder de forma diferente quando ocorrer uma situação semelhante ou quando o ano seguinte se iniciar, estabelece objetivos mais claros, explicita suas expectativas e seus procedimentos. A prática reflexiva é um trabalho que, para se tornar regular, exige uma postura e uma identidade particulares (PERRENOUD, 2002, p. 44).

Acerca da reflexão do ensino da modalidade remota, conto com as contribuições de Saviani e Galvão (2021), nos quais os autores discorrem sobre o Ensino Remoto no Brasil, enquanto Santos, Lima, Souza (2020) dissertam sobre os desafios enfrentados pelos brasileiro durante a instauração repentina da modalidade remota no país. No tópico a seguir, apresento as reflexões realizadas durante a experiência empírica em Estágio Supervisionado na modalidade remota.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como fora mencionado anteriormente durante este relato, na minha vivência empírica durante o Estágio Supervisionado no contexto remoto, me deparei com duas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental, nas quais havia um total de 56 alunos matriculados. No entanto, tive em média 18 a 20 alunos presentes. Com base nestes dados, trago à luz a reflexão sobre os desafios do ensino remoto de Santos, Lima e Sousa (2020) ao afirmarem que:

Um dos maiores desafios elencados pelos(as) professores(as) colaboradores é o fato de que uma parte significativa dos estudantes da escola pública está com dificuldade de acompanhar ou, o que é ainda mais grave: está completamente ausente do processo, decorrente da ausência de recursos tecnológicos. A precariedade do acesso e acompanhamento das atividades remotas assume diversas nuances: não há acompanhamento dos pais ou

responsáveis, seja porque estes estão trabalhando, seja por não saberem orientar as atividades; só há disponibilidade de um aparelho de celular em casa; não há internet de qualidade que viabilize em melhores condições a realização das atividades (SANTOS, LIMA, SOUZA, 2020, p.1642).

Em relação à disparidade entre a quantidade de alunos matriculados e os que frequentam efetivamente as aulas, podemos associar à desigualdade social agravada ainda mais em tempos de pandemia. Como salientam Santos, Lima e Souza (2020):

a irrefutável desigualdade de acesso aos meios tecnológicos, resultantes de outras tantas injustiças que atingem aos(as) filhos(as) da classe trabalhadora. Parte significativa dos(as) estudantes da rede de ensino brasileira não tem nenhum acesso ou não dispõe de condições adequadas de uso da internet e tecnologias digitais (SANTOS, LIMA, SOUZA, 2020, p.1636).

Como mencionado pelos autores (*op. cit.*) e associando com os dados repassados pelo professor regente - responsável pela turma, temos um número significativo de alunos que estão sendo excluídos da educação com o ensino remoto. Ao saber da disparidade de alunos efetivamente matriculados e os que de fato frequentavam as aulas, fiquei preocupada pois, matematicamente falando, os alunos ausentes compõem 68% do número total de estudantes matriculados, ou seja, mais da metade das turmas não possuem os recursos tecnológicos e condições necessárias para frequentar as aulas na modalidade remota emergencial. De acordo com o que pude observar, estão sendo desenvolvidas atividades para que sejam impressas e entregues aos alunos que não estão acompanhando as aulas sincronicamente. Em relação a isso, Santos, Lima e Souza (2020) afirmam que:

Embora as orientações oficiais tenham amparo na justificativa da garantia do direito à educação, as soluções encontradas apontam na direção oposta, uma vez que, na gramática escolar da pandemia, a aprendizagem é compreendida, em muitos casos, circunscrita à realização e entrega de atividades, particularmente, para aqueles estudantes que não têm acesso às novas tecnologias. Desconsidera-se, dessa forma, todos os demais aspectos ligados ao processo, seu sentido amplo e humanístico de prática social, de mediação, de interação, de coletividade (SANTOS, LIMA, SOUZA, 2020, p. 1636-1637).

Durante o período inicial de observação, pude notar que as turmas são pouco participativas, não interagem com o professor regente. Um aluno ou outro tirou dúvidas durante as aulas, no entanto, muitas vezes pude notar que o professor sentia como se estivesse falando sozinho para a tela do computador - os alunos com câmeras e

microfones desligados. Como professora em formação atuando durante o ensino remoto emergencial, compreendo perfeitamente como essa falta de interação pode ser desmotivante e, muitas vezes, frustrante para o professor pois, sem essa interação, torna-se difícil o trabalho de identificar como e se o aluno está de fato assimilando o conteúdo ministrado. Como salientam Saviani e Galvão (2021):

Isso significa que o indivíduo precisa aprender para se desenvolver e que isso se dá em primeiro lugar na relação com o outro. Vale dizer que esse “outro”, na escola, é o professor, pois possui as condições de identificar as pendências afetivo-cognitivas que precisam ser suplantadas e que podem promover o desenvolvimento. Minimizar a função do educador na prática pedagógica é desqualificar a profissão e a profissionalidade da categoria docente, pois qualquer um e em quaisquer condições precárias poderia se arvorar a realizar o trabalho educativo escolar (SAVIANI; GALVÃO, 2021, p.42)

Na fala de Saviani e Galvão (2021), pode-se associar que a interação aluno-professor é fundamental para o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que essa troca se dá através da relação entre os indivíduos. Quando analiso o momento da interação relatado, na qual parte apenas do lado do professor e sem resposta dos alunos, torna-se desafiador o processo de desenvolvimento afetivo-cognitivo. É necessário que a troca seja recíproca, pois como Freire (2007) afirma, “não há docência sem discência”.

Outro ponto a ser ressaltado é a exaustão e a crescente desvalorização do trabalho docente, principalmente no cenário atual de pandemia. Os professores como um todo estão cansados, trabalhando dia e noite para atender as necessidades de seus alunos e, essencialmente, as necessidades daqueles que não estão participando efetivamente das aulas. Em meio a tantas falhas do ensino remoto emergencial, eu me questiono: como o professor pode avaliar o aprendizado de um aluno se o mesmo não está inserido no contexto do ensino remoto?

Retomando a discussão, durante as conversas realizadas com o professor regente através de áudios na plataforma do *Whatsapp* com o intuito de conhecer o contexto da escola, o mesmo nos explicou que as instituições hierárquicas superiores a ele exigiam que ao final de cada aula, fosse realizada uma atividade. Apenas com o intuito de elucidar essa informação, são oito disciplinas distintas, cada uma contendo duas aulas por semana. Então, temos um total de 16 atividades atribuídas semanalmente para os alunos. É uma sobrecarga gigantesca, tanto para o alunado como para os professores, como afirmam Saviani e Galvão (2021, p. 37): “do lado dos docentes, estes estão

abarroados de trabalhos para corrigir, mensagens de e-mails e aplicativos, fóruns de ambientes virtuais e outros para dar conta.”

Nessa mesma conversa, o professor expôs sua opinião, na qual ele afirma que quando estavam no ensino presencial, os professores não faziam uma atividade ao final de cada aula. O mesmo enfatizou que o aluno precisa de um tempo para estudar, observar o material e compreender o que está sendo pedido. Por conta disso, os alunos são sujeitos a uma carga imensa de atividades. O professor disse que as instituições hierárquicas exigem que sejam passadas essas atividades na intenção de supor que os professores estão realizando seu trabalho e os alunos estão aprendendo. Na realidade, segundo o professor, o rendimento dos alunos está caindo.

Essa conversa me deixou muito reflexiva, porque estamos inseridos em um cenário de uma pandemia em escala global, preocupados e ansiosos com nossos entes queridos, numa conjuntura política que falha diariamente em lidar com a crise e não dispõe de ações governamentais para assegurar o bem estar social e, nas palavras de Beraldo (2020) “(...) tratou a pandemia com pouco caso, desrespeitando normas sanitárias e minimizando a gravidade da doença; deixou a população à própria sorte para morrer nos hospitais (BERALDO, 2020 *apud* SAVIANI; GALVÃO, 2021, p. 37)”. Refletindo sobre a realidade escolar, como enfatizada pela fala do professor, me senti desolada. Como professora, me senti desamparada e desvalorizada, sem o apoio necessário. Como observadora, sinto tristeza pela realidade do professor e dos alunos.

Durante o período de observação, minha dupla e eu iniciamos o planejamento da intervenção. O momento de realizar o planejamento se deu de uma forma fluida. Tivemos a supervisão do professor regente e da professora formadora durante o processo de planejamento e nós conversamos bastante durante o período de observação das aulas e já íamos dialogando sobre o que nós poderíamos fazer e como fazê-lo. Em decorrência do cansaço e da sobrecarga de atividades, o professor regente consequentemente ministrava aulas centradas no professor. Como consequência, vemos um *Teacher Talking Time (TTT)* bem evidente com pouca participação e interação com a turma. Como um guia norteador para o planejamento, eu e minha dupla tivemos como objetivo tentar aumentar a participação dos estudantes e proporcionar aulas mais dinâmicas e interativas.

Para que esse objetivo fosse alcançado, vi minhas ações refletidas nas palavras de Piletti (2004, p. 61): “planejar é estudar. Planejar é, portanto, ‘assumir uma atitude

séria e curiosa diante de um problema'. Diante de um problema eu procuro refletir para decidir quais as melhores alternativas de ação possíveis para alcançar determinados objetivos a partir desta realidade". Eu e minha dupla estudamos a situação, refletimos e decidimos agir de acordo com o nosso objetivo norteador.

No entanto, durante o planejamento das aulas, me deparei com algumas incertezas durante o caminho. Como eu tenho experiência em sala de aula, discuto um pouco com minha dupla e com a professora formadora sobre a responsabilidade de assumir a turma por duas semanas, realizando uma intervenção durante quatro aulas. Meu primeiro receio foi refletido na tangente da responsabilidade. Fiquei apreensiva em fugir muito da metodologia utilizada pelo professor e isso causar consequências para a turma, no sentido dos alunos sentirem a diferença entre as minhas metodologias e a do professor regente.

Após o processo de planejamento, chegou o momento de imersão na sala de aula e exercer a docência. Minutos antes de iniciar a aula, eu e minha colega de estágio fizemos uma chamada de vídeo para conversarmos um pouco sobre como estávamos nos sentindo e quais eram nossas expectativas para a primeira aula. Estávamos nervosas, ansiosas e preocupadas com esse momento de intervenção, pois, apesar de ambas termos experiência na sala de aula, foi uma experiência completamente nova para nós. Temíamos prejudicar o professor e os alunos caso não fizéssemos um bom trabalho e ficamos com medo de constranger a nossa instituição de ensino e nossa professora formadora.

Aguardamos dez minutos até que pudéssemos ser liberadas para entrar na vídeo chamada e começar a ministrar nossa aula. Em meio a este misto de emoções descritas anteriormente, seguimos o planejamento e atuamos da melhor forma possível dentro do contexto do ensino remoto. Nesta aula, haviam 21 alunos "presentes". No entanto, apenas 3 participaram ativamente durante a aula. Ao final da aula, minha dupla e eu nos reunimos novamente para refletir sobre o que havíamos desenvolvido e assumimos uma postura reflexiva. Como afirma Perrenoud (2002):

Ao distanciar-se da ação, o professor não está interagindo com alunos, pais ou colegas. Ele reflete sobre o que aconteceu, sobre o que fez ou tentou fazer, sobre os resultados de sua ação. Além disso, ele reflete para saber como continuar, retomar, enfrentar um problema, atender a um pedido. Com frequência, a reflexão longe do calor da ação é, simultaneamente, retrospectiva e prospectiva, ligando o passado e o futuro, sobretudo quando o profissional está imerso em uma atividade que exige dias e mesmo semanas

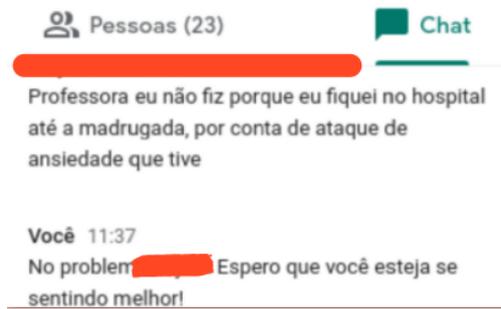
para ser concluída como um procedimento de projeto (PERRENOUD, 2002, p. 36).

Tive a sensação de que o planejamento de fato fora cumprido, porém, não tínhamos conseguido a atenção dos alunos que estavam tão distantes no ensino remoto com suas câmeras e microfones desligados, e queríamos alcançá-los. Com esta conversa e com base na afirmação acima de Perrenoud (2002), pudemos reavaliar nossa prática docente e refletir sobre o que poderia ser feito para melhorar na próxima intervenção. Tentaremos propor uma aula mais dinâmica, menos focada no professor e proporcionar mais oportunidades para a participação por parte dos alunos.

A segunda intervenção ocorreu e desta vez minha colega e eu fomos acompanhadas da professora formadora que estaria observando a aula e avaliando nossa performance. Ficamos apreensivas, mas nossa preocupação era em relação à desenvoltura da aula e participação dos alunos e não ao fato da professora estar presente. Como havíamos refletido ao final da primeira aula, decidimos agir e realizamos uma atividade interativa de revisão através da plataforma do *Google Jamboard*. Para a nossa surpresa, conseguimos captar a atenção dos alunos e essa atividade proporcionou um momento de participação bastante significativo para nós, levando em consideração que os alunos participavam das aulas passivamente, sem muita interação.

Ainda nesta segunda aula, eu e minha colega nos deparamos com uma situação. Uma aluna enviou uma mensagem no chat durante a aula, justificando o motivo de não ter realizado a atividade. Segundo ela, estava internada no hospital com ansiedade. Assim que vi a mensagem, congelei. Não soube o que fazer. Lembrei-me de uma cena do filme “Além da Sala de Aula” na qual a personagem Stacey Bess diz que seis anos na universidade não a haviam preparado para “isso”. Assim como a personagem, eu não estava preparada para lidar com esta situação. Parei e pensei por um momento: “O que eu gostaria de ouvir de uma professora caso eu me abrisse dessa forma com ela?”. A professora formadora observou o ocorrido e nos sinalizou que deveríamos responder a mensagem enviada pela aluna. Então, me coloquei no lugar da aluna e respondi o que eu gostaria de ouvir, como podemos ver na imagem abaixo.

**Figura** - Mensagem da Aluna.



**Fonte:** Acervo Pessoal, Campina Grande, 2021.

Refletindo sobre isso posteriormente, pude observar o quão importante esse momento foi. É necessário que tenhamos um olhar humano para com o outro, principalmente neste momento em que estamos vivendo. Me senti impotente por não poder fazer nada além disso para ajudá-la e ao mesmo tempo, senti gratidão por ela sentir confiança em nós e confidenciar o que havia acontecido, especialmente se tratando de uma coisa muito pessoal e íntima como esta. Creio que ao não fechar os olhos diante dessa situação, ela se sentiu ouvida. Após o término da aula, eu e minha colega entramos em contato com a aluna e perguntamos se ela estava melhor.

Na terceira aula, fizemos um *quiz* de revisão do assunto estudado através do *Wordwall*. Os alunos se engajaram bastante durante a atividade e isso foi muito significativo para mim, uma vez que um dos nossos objetivos era que eles participassem de forma ativa durante as aulas. Em seguida, apresentamos o tópico gramatical “*Have To x Must*” para falarmos de obrigação. Pedimos aos alunos para eles lessem os exemplos para que continuassem engajando ativamente durante a explicação. Ao finalizar a apresentação, explicamos como seria feita a atividade de casa.

Como de costume, minha dupla e eu nos reunimos para dialogar sobre a aula. Durante a reunião, comentamos sobre a participação dos alunos e como sentimos que estávamos fazendo “algo certo”. Com esse engajamento durante a aula, senti que alcançamos os alunos e os trouxemos de volta para a sala de aula. Me senti realizada pois, mesmo ainda não tendo encerrado a regência, notei que os objetivos propostos foram atingidos e que estava, de fato, fazendo um bom trabalho.

Em seguida, chegamos ao momento da última intervenção. No entanto, houve um imprevisto que atrapalhou o decorrer da aula. Sempre que eu e minha colega íamos entrar na aula, era necessário que o Coordenador Administrativo permitisse nossa entrada na chamada, por ele ser o *host* do link. Neste dia, o coordenador estava sem

conexão de internet e houve um atraso de 33 minutos até que conseguíssemos entrar na aula.

O professor regente ministrou a aula que havíamos planejado, que consistia em uma revisão geral do que havíamos estudado durante as duas semanas de aula. Em decorrência do atraso, conseguimos fazer apenas uma atividade de revisão com os alunos. Ao final da aula, agradecemos aos alunos e ao professor pela oportunidade de estagiar e nos despedimos.

Este momento foi bastante significativo para mim porque pudemos conversar um pouco com os alunos. Eles perguntaram se tínhamos gostado da turma e de estagiar com eles. Perguntaram também se já éramos professora ou se tinha sido nossa primeira experiência. Foi uma troca bem interessante e, eu e minha dupla comentamos com eles sobre Estágio ser visto como um divisor de águas, como nas palavras da nossa professora formadora, na qual este será o momento decisivo se vamos querer atuar na docência ou não. Falando por mim, eu já tinha certeza de que queria seguir na carreira docente desde o primeiro momento que tive a oportunidade de entrar na sala de aula, em 2018. A experiência em Estágio confirmou essa decisão.

Na próxima seção, eu apresento os resultados decorrente da experiência de Estágio Supervisionado assumindo uma postura crítica-reflexiva.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste artigo, propus socializar as experiências empíricas durante o período de Estágio Supervisionado no contexto da modalidade remota, assumindo uma postura reflexiva. Em decorrência da pandemia da COVID-19, a Educação se viu diante novos desafios: estrutura técnica para as aulas, domínio das novas tecnologias por parte dos alunos e professores, acesso aos recursos digitais, dentre outros. Com a experiência em Estágio, pude observar como esses desafios se apresentam no cotidiano da prática docente e o que as escolas e professores estão fazendo para reduzir os danos da educação remota.

Partindo da observação das turmas de 9º Ano de uma Escola Cidadã Integral e Técnica do município de Campina Grande-PB, realizei a Regência no Ensino Fundamental. Durante o período de observação, notei que as turmas eram pouco participativas. Como objetivo norteador, foi feita a tentativa de aumentar o engajamento

dos alunos durante as aulas com atividades dinâmicas e interativas, utilizando ferramentas como o *Google Jamboard* e *Wordwall*. Através do auxílio dessas atividades e exposição durante as aulas, notou-se um engajamento melhor por parte dos alunos.

Conforme evidenciado na fala de Bueno (2009), o Estágio Supervisionado busca aproximar o aluno da licenciatura da realidade do ofício docente, além de proporcionar um primeiro contato imersivo no contexto educacional, na qual o discente pode observar os desafios que permeiam a docência e propõe a oportunidade de refletir sobre a prática pedagógica. Partindo desta perspectiva, foi possível constatar que a experiência em Estágio é fundamental para a formação inicial de professores.

Para finalizar, trago as palavras de Freire (2007), na qual ele afirma que somos um constante processo de aprendizagem, seres inacabados e inconclusos, sempre teremos novas coisas para aprender e pré-conceitos para desconstruir.

## REFERÊNCIAS

- ALÉM da sala de aula. Direção: Jeff Bleckner. Produção de Gerald R. Molen. Estados Unidos: Hallmark Hall of Fame, 2011. Youtube. (97 minutos).
- BUENO, Luzia. O estágio e os dispositivos de formação. In: \_\_\_\_\_. **A construção de representações sobre o trabalho docente**: o papel do estágio. São Paulo: EDUC, 2009, p. 35-58.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 35ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- PERRENOUD, Philippe. Da Reflexão na Essência da Ação a uma Prática Reflexiva. In: \_\_\_\_\_. **A Prática Reflexiva no Ofício de Professor**: profissionalização e razão pedagógica. São Paulo: Artmed, 2002, p. 29-45.
- PILETTI, Claudino. Planejamento de Ensino. In: \_\_\_\_\_. **Didática Geral**. 23ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2004. p. 60-79.
- SANTOS, Elzanir dos; LIMA, Idelsuite de Souza; SOUSA, Nadia Jane de. “Da noite para o dia” o Ensino Remoto: (Re)Invenções de professores durante a Pandemia. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**. V. 05, n. 16, p. 1632-1648, 2020.
- SAVIANI, Demerval; GALVÃO, Ana Carolina. Educação na Pandemia: falácias do “ensino” remoto. **Universidade e Sociedade**. Ano XXXI, n. 67, p. 36-49, jan/jun 2021.